

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

GABRIELA VIER ESPINDOLA

ESCOLA ESPECIAL INCLUSIVA: NARRATIVAS DE PROFESSORAS DE
ESCOLA PÚBLICA ACERCA DAS SINGULARIDADES, DA CORPOREIDADE E
COMUNICAÇÃO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA

PORTO ALEGRE

DEZEMBRO DE 2019

Gabriela Vier Espindola

ESCOLA ESPECIAL INCLUSIVA: NARRATIVAS DE PROFESSORAS DE
ESCOLA PÚBLICA ACERCA DAS SINGULARIDADES, DA CORPOREIDADE E
COMUNICAÇÃO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia. Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Professora Doutora Daniele Noal Gai

PORTO ALEGRE

DEZEMBRO DE 2019

Agradecimentos

Este trabalho tornou-se possível graças ao apoio de diversas pessoas...

Primeiramente, agradeço aos meus pais que sempre me incentivaram a estudar, seguir meus sonhos e me fizeram a pessoa que sou hoje...

Agradeço aos meus amigos, em especial Bruna, Juliana, Larissa e Mariane que sempre me ouviram em meus anseios e me apoiaram nas decisões profissionais...

Agradeço aos meus colegas que me acompanharam dentro da profissão, me permitindo que aprendesse com suas práticas pedagógicas...

Agradeço aos professores do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que proporcionaram leituras fundantes para o meu desenvolvimento profissional...

Gostaria de agradecer em especial a escola pública que tornou esse trabalho possível, e me recebeu de braços abertos, acolhendo a minha pesquisa desde o primeiro contato...

Agradeço à minha orientadora, Daniele Noal, que sempre respeitou os caminhos que decidi seguir na pesquisa, apoiou minhas decisões e enxergou meu potencial quando eu mesma não enxergava...

Por último, gostaria de agradecer a professora Adriana Thoma que fundamentou todo meu olhar na área da inclusão, com seu amor e dedicação me fez acreditar em uma educação justa, de qualidade e para todos.

O universo não economizou em você
Te esculpiu e ofertou ao mundo
Algo diferente de todas as pessoas
Quando você duvida de como foi criado
Você duvida de uma energia maior que nós dois

- Insubstituível

-RUPI KAUR, 2018.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso de Pedagogia estabeleceu uma escuta cuidadosa das narrativas de professoras sobre as crianças e os jovens com transtorno do espectro autista (TEA), de uma escola especial inclusiva da rede pública de ensino de Porto Alegre/RS. Como metodologia, para a organização de ideias, foi utilizada a leitura de documentos acerca do movimento histórico na área da educação especial e da educação inclusiva. As narrativas das professoras abriram possibilidades para novas leituras e compreensão da prática pedagógica na perspectiva inclusiva, e, assim, foram estudados diversos autores como: Beyer; Nóvoa; Miller; Ferrari etc, que subsidiaram os argumentos apresentados. Os três pilares, complexos, que fundamentam os argumentos das narrativas das professoras e que utilizamos nesta pesquisa são: singularidades do sujeito, corporeidade e comunicação. O trabalho de pesquisa foi realizado em uma escola especial inclusiva, o que constatamos através da escuta junto às professoras que atuam em sala de aula, pois dialogamos sobre suas metodologias de trabalhos para a realização de uma prática pedagógica concernente aos princípios das Políticas de inclusão e dos princípios da educação pública de qualidade. É importante registrar nesta pesquisa que, tanto a escola como as professoras escutadas em suas narrativas, são referência na construção dos processos de inclusão em Porto Alegre/RS. Esta pesquisa salienta a importância da partilha de experiências com o outro, com o coletivo, com a comunidade, dentro da produção da profissão docente, visando a qualificação do exercício de práticas pedagógicas inclusivas. As professoras narram as suas práticas pedagógicas com os estudantes com transtorno do espectro autista (TEA), destacando suas singularidades, contudo, remetem-se a necessidade de exercer um olhar-ver para além de um diagnóstico ou espectro. Concluimos que os estudantes com transtorno do espectro autista (TEA) tem respeitadas suas singularidades, corporeidade e comunicação.

Palavras-chave: narrativas; corporeidade; comunicação; singularidades; escuta; professoras; escola especial inclusiva; transtorno do espectro autista

Sumário

1. O início de uma jornada inesperada.....	7
2. Em busca das aventuras.....	12
2.1.Perguntas norteadoras das entrevistas.....	16
3. Fundamentação teórica.....	17
4. Os primeiros passos de uma jornada inclusiva.....	22
5. Conhecendo a jornada de uma escola.....	25
6. Entrevistas.....	28
6.1.Maria.....	28
6.2.Helena.....	30
6.3.Solange.....	32
6.4.Cristina.....	34
7. Singularidades do sujeito.....	37
8. Entendendo a Corporeidade do sujeito.....	40
9. Tripés da comunicação: escola, família e rede de saúde.....	42
10.Considerações finais.....	45
11.Referências Bibliográficas.....	47
12.Anexos.....	51
12.1.Termo de consentimento.....	51

1. O ÍNICIO DE UMA JORNADA INESPERADA

Este trabalho possui como principal objetivo realizar uma pesquisa sobre as narrativas das professoras, focando em sua percepção para receber crianças e jovens com transtorno do espectro autista (TEA). Visando alcançar tal objetivo o trabalho aconteceu através de entrevistas com professoras da rede pública de Porto Alegre, ouvindo seus relatos de experiências com crianças e jovens com transtorno do espectro autista.

Em 2017 realizei minha primeira experiência em sala de aula, como auxiliar de turma, em uma escola da rede privada de Porto Alegre/RS, na qual havia um aluno com transtorno do espectro autista (TEA). Este aluno conversava, gostava de cantar, participava das atividades de seu interesse, em algumas atividades se propunha participar com as demais crianças da turma, no entanto, em diversos momentos ele aparentava preferir permanecer sozinho, realizando suas brincadeiras e atividades individualmente.

Em 2018 tive minha segunda experiência em sala de aula e nela havia, também, um aluno com transtorno do espectro autista (TEA). Este aluno falava muito pouco, gostava de instrumentos musicais, era perceptível que em alguns momentos o barulho dos demais estudantes o incomodava, e ele não demonstrava interesse em participar das atividades propostas pela professora.

Essa escola possuía cinco crianças com transtorno do espectro autista (TEA), todas elas com diagnóstico ou algum indicativo avaliado a partir do olhar pedagógico. O que observei nesta experiência docente foi que todas as cinco crianças eram diferentes entre si, possuindo suas especificidades e suas infâncias singulares, necessitando um olhar mais atento, respeitoso e demorado por parte da professora nos processos de mediação, brincadeira, socialização e aprendizagem.

Ao realizar um registro de minha prática docente, para em seguida fazer uma reflexão, o primeiro aspecto perceptível foi a pluralidade de sujeitos dentro do

transtorno do espectro autista (TEA). Consegui perceber, desde as minhas primeiras práticas pedagógicas, que as crianças não possuíam um padrão, um modo único de ser, uma estereotipia comum ao transtorno do espectro autista (TEA), uma ecolalia igual a de outros, uma tal instabilidade emocional, uma agressividade, uma recusa ao coletivo...

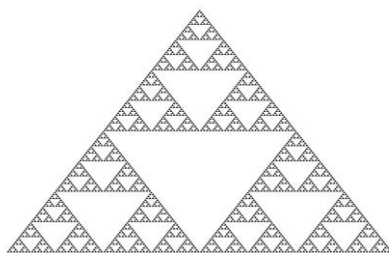
Muitas dessas formas de narrar as crianças com transtorno do espectro autista (TEA) se refere ao preconceito e ao desconhecimento do que pode ser o encontro singular e afetivo com uma criança. Com isso não quero ignorar algumas características do transtorno do espectro autista (TEA), mas, sim, retomar a prática pedagógica inclusiva como possibilidade para a avaliação diferenciada e compreensão dos processos singulares de aprendizagem das crianças.

Ao longo das minhas experiências em espaços escolares percebi que o âmbito de compreensão sobre as crianças dentro do espectro autista (TEA) é muito maior do que recorrentemente se fala. Outro aspecto que observei em minhas experiências de sala de aula foi o fato de eu não possuir didática qualificada para auxiliar nas atividades pedagógicas das crianças com transtorno do espectro autista (TEA).

Uma de minhas atribuições, no período em que permaneci naquela escola, era acompanhar o cotidiano juntamente com as atividades desses alunos com transtorno do espectro autista (TEA) e diversas vezes me encontrei no dilema de como me aproximar, como envolver, como dialogar, como chamar atenção, de que maneira tornar convidativas as atividades do grande grupo e inclui-los no cotidiano de sala de aula.

Essa prática pedagógica em escola e com crianças tornou-se uma questão e um desafio para mim, segui pensando sobre como qualificar a educação inclusiva sem apenas ser um cumprimento, não adequado e tampouco qualificado, da lei. Também fui criando meu próprio acervo de leituras, de diários, de reflexões, voltando-me sobretudo para argumentos baseados na Pedagogia e suas possibilidades filosóficas de mundo. O curso de licenciatura em Pedagogia que cursei ofereceu-me espaços de problematização, de criação e invenção, o que assumi em minha prática pedagógica, porém, ainda era um desafio a prática em escolas inclusivas. Seria esse

um tripé para as pedagogas que se encontram com o inesperado e se desafiam a pensar e se reinventar com eles: problematizar, criar, inventar?



Pensando sobre os desafios enfrentados diante das singularidades e especificidades das crianças, comecei a questionar sobre os motivos que acarretaram esse sentimento de déficit de conhecimentos e de didática. Por que essa dificuldade de alfabetizar crianças com transtorno do espectro autista (TEA)? Por que essa falha na minha comunicação com as crianças? Por quê esse distanciamento?

Seguirei tencionando as perguntas para meu curso de graduação: Por que essa falta de espaços para discussões sobre a educação especial e a educação inclusiva dentro da licenciatura em Pedagogia?

Destaco que o curso de Pedagogia exige, em sua grade curricular, que façamos práticas e observações em espaços escolares em que encontramos pelo menos uma criança com deficiência e até três crianças em cada sala de aula das escolas comuns. E com as Políticas de inclusão um aspecto que chama a atenção é o aumento do número de crianças com transtorno do espectro autista (TEA) nas escolas. Em todas as instituições em que eu estive havia pelo menos uma criança com transtorno do espectro autista (TEA).

Pensando nisso, surgiram algumas inquietações: o motivo de não haver no currículo disciplinas com aprofundamento e foco nos assuntos e temáticas da educação inclusiva, porque o currículo não condiz com a realidade encontrada nas salas de aulas e suas configurações atuais. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul existe duas disciplinas, durante toda a graduação, tratando sobre o tema da inclusão, e as demais não dialogam satisfatoriamente com essa temática. Sinto que se faz um esforço para o aprofundamento sobre o transtorno do espectro autista (TEA) e os estudantes com o transtorno do espectro autista (TEA), mas considero

muito raso no que se refere às nossas demandas frente à prática docente, podendo, inclusive, desqualificar o ensino para essas crianças.

Tratar o assunto do transtorno do espectro autista (TEA) na Pedagogia, na educação, é fundamental, pois, certamente há vários professores que possuem essas dúvidas, existindo o desejo de aprender mais sobre o assunto. Percebo que os professores sentem a necessidade de ocupar espaços que falem sobre outras perspectivas, menos limitadoras e até mesmo irreais, e, sim, perspectivas educadoras e potencializadoras de aprendizagem.

No momento que o tema for tratado com atenção frente a sua complexidade, para adquirir seu espaço nas práticas pedagógicas, conseqüentemente, haverá um melhor aproveitamento de recursos didáticos, uma ampliação das possibilidades de intervenção e brincadeiras, uma maior aproximação entre docentes e estudantes, uma verdadeira socialização e afetividade entre as crianças com ou sem deficiência, assim como uma maior qualidade na educação voltada para todos, sobretudo para crianças com transtorno do espectro autista (TEA).

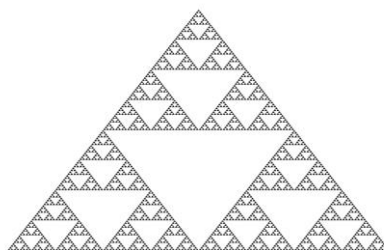
A necessidade de realizar esse trabalho de pesquisa, em período tão breve como o da elaboração do trabalho de conclusão de curso, deve-se ao fato de nós, educadoras, precisarmos tomar conhecimento de práticas pedagógicas que qualificam as experiências e as aprendizagens dos estudantes. Nas escolas públicas de Porto Alegre/RS encontramos diferentes experiências em educação inclusiva, muitas delas referência nacional pelo impacto do trabalho na vida das pessoas com deficiência e da comunidade como um todo.

Com esta pesquisa pude concluir que quando os educadoras se apropriam das práticas pedagógicas e educativas de outras professoras, seus pares, elas expandem suas interpretações, ampliam seus olhares para novas possibilidades, podendo inserir no planejamento, cotidianamente, atividades que todos os estudantes se sintam contemplados, sendo ele um aluno com ou sem deficiência.

Uma educação inclusiva é o primeiro passo para uma educação justa e democrática, uma educação a que todos e todas possam ter o acesso e que tenham o direito de realizar em todas as suas modalidades.

Buscando investigar as inúmeras indagações aqui descritas, resolvi buscar narrativas de professoras, encontrei acolhida, conversa franca, experiências de muitos anos e também professoras recém chegadas a escola especial pública que me recebeu para a realização da pesquisa. Entendendo mais as suas práticas e as suas inquietações fiz a busca de leituras, de poesias, busquei desenhos complementares, resgatei os textos estudados e discutidos ao longo da graduação, e me aventurei a desenhar algumas formas que ilustram a potência educadora dessas professoras.

Durante a realização do trabalho de conclusão de curso tomei conhecimento que a autora Chimamanda Adichie (2019) lançou seu livro que se trata de uma palestra realizada nos Estados Unidos intitulada como “o perigo de uma história única”. Levando em consideração que o assunto da palestra vai ao encontro de minha proposta de trabalho resolvi me inspirar em sua obra, durante os capítulos ela insere imagens de triângulos para ilustrar sua mudança de assunto, resolvi incorporá-los utilizando no corpo do meu trabalho, o triângulo.



2. EM BUSCA DAS AVENTURAS...

Um dos objetivos deste trabalho foi entender como são realizadas as formações das professoras, dentro da graduação, para lidar e ensinar crianças que se encontram dentro do espectro autista. O presente trabalho também busca pesquisar quais estratégias de ensino as educadoras utilizam para receber tais alunos, buscando entender suas inquietações, suas dificuldades, e como fazem para superar os desafios da docência em salas de aula inclusivas e que têm um ou até mais de cinco alunos com deficiência.

A partir do desenvolvimento da pesquisa, que se ampliou com as narrativas das professoras com quem conversei, é que foi feito um plano de análise e reflexão do escutado. Fui me encantando com o espaço escolar, com a receptividades, e cheguei a mencionar o desejo de ficar lá e trabalhar com aquele coletivo dedicado e competente de professoras. Não estamos tratando nesta pesquisa de um espaço ideal ou como um espaço ideal a escola onde as professoras escutadas lecionam, mas, não podemos negar o exercício positivo de respeitar as diferenças, ser diferente e produzir diferente a educação.

O processo de escolha da escola foi árduo, inicialmente havia pensado em realizar a pesquisa em uma escola comum, contudo por motivos burocráticos essa parceria teve que ser desfeita. Em seguida, pensei em vários espaços escolares que estiveram presentes durante minha formação, foi então, que após o primeiro semestre havia conhecido a escola especial inclusiva, que foi realizado o presente trabalho, me sentindo bem recebida na escola e tendo em vista que a escola especial é um espaço de formação decidi realizar o primeiro contato. Enviei o projeto a ser produto de estudo, após a aprovação da escola e das professoras que foram selecionadas, deu-se início aos trabalhos.

Para a melhor sistematização das conversas e das trocas ideias resolvi organizar um diário de campo, colocando sessões para aspectos com as quais eu gostaria de estudar e que se faria necessário para o corpo do trabalho. A primeira sessão eram pontos organizacionais (datas, compromissos); a segunda eram sistematizações dos estudos que eu estava realizando (leituras, trechos); a terceira

eram as narrativas das professoras, que acompanhavam “post-its” com pontos-chaves que me chamavam atenção na conversa; e a última sessão eram particularidades da instituição escolar que me chamavam atenção.

Busquei realizar uma pesquisa que respondesse as minhas questões como estudante estagiária em diferentes escolas e com diversas crianças, dentre elas aquelas com autismo. Contudo, tive o intuito de buscar práticas pedagógicas qualificadas, sob meu julgamento, e que inspirem professoras que possuem dilemas, que se confrontam com o limitado espaço da sala de aula e pouco tempo para estudar e planejar diferente e potencialmente para que os alunos com autismo aprendam, brinquem, experienciem...

Este trabalho poderá ser útil como uma leitura complementar, como um estudo durante os estágios do curso de Pedagogia, e até mesmo como leitura em um espaço de formação continuada para aqueles que se desafiam e que não se sentem preparados apenas pela graduação para realizar uma prática inclusiva qualificada.

O presente trabalho foi realizado em uma escola especial da rede pública de ensino, localizado na zona sul da cidade de Porto Alegre/RS. Meu deslocamento até a escola já havia se dado em outras atividades de observação exigidas pelo curso de graduação, sendo, então, um lugar próximo em minhas memórias e experiências investigativas. Porém, fiz a escolha, neste trabalho de pesquisa, de realizar entrevistas com professoras, focando em perguntas que pudessem tratar dos alunos com transtorno do espectro autista.

A escolha pela investigação baseada em narrativas se deu pelo fato de que no curso de Pedagogia somos levadas a acreditar e a exercitar o diálogo, na potência da conversa, das trocas de impressões, das discussões com o outro, com o coletivo, com nossos pares professores e com nossos alunos. Pensando sobre isso me indaguei sobre qual seria a melhor forma de enriquecer minha prática pedagógica senão ouvindo a fala daqueles que estão inseridos dentro da sala de aula com alunos com ou sem autismo.

Como forma de registro das entrevistas foram utilizadas as memórias da pesquisadora, meu olhar atento e acolhedor a tudo que as professoras foram

relatando, as minhas inúmeras anotações em diários e outros dispositivos virtuais e eletrônicos.

As narrativas das professoras que lecionam em turmas com os alunos com autismo abriram muitas possibilidades para a pesquisa, contudo, neste breve período e tempo para a realização do trabalho de conclusão de curso me detive em uma lista de perguntas, uma entrevista com perguntas previamente estruturadas.

Busquei o consentimento das professoras e da escola para a realização da pesquisa, previamente enviei minhas intenções de pesquisa para que a coordenadora pedagógica avaliasse e abrisse o campo de pesquisa, assim como agendasse meu encontro com as professoras.

A conversa, as inquietações listadas como entrevista, buscavam nuances e cores que a graduação ainda não havia me oferecido, aquelas que pintam a realidade da escola e que apontam perspectivas para a educação inclusiva.

O encontro tímido e curioso junto à escola e as professoras que participaram da pesquisa se dedicaram a buscar respostas para algumas das minhas indagações, a partir da minha prática pedagógica em sala de aula e acerca do cotidiano escolar dos alunos com deficiência.

Para o registro das narrativas das professoras decidi utilizar nomes fictícios, com o intuito de me aproximar mais das entrevistadas através da criação, da poesia, de uma linguagem cuidadora. Aqui nesta pesquisa vocês conhecerão outras professoras, talvez aqueles que a conhecem e convivem diariamente, e eu, reconhecerão as vozes e os rostos ao ler.

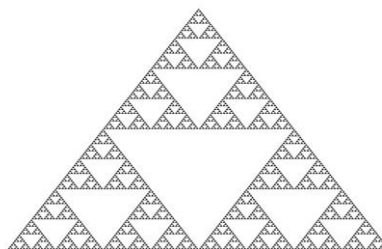
Coloco em destaque e agradeço o que aprendi com as narrativas pedagógicas da Professora Maria (entrevistada 1), da Professora Helena (entrevistada 2), da Professora Solange (entrevistada 3) e da Professora Cristina (entrevistada 4). Retomo a informação de que elas atuam em educação especial na perspectiva da educação inclusiva, o que não é comum. Também vale ressaltar que a opção metodológica de escuta das narrativas das educadoras buscou dar visibilidade à importância de uma formação continuada, para se repensar e qualificar as práticas pedagógicas.

Pensando no espaço da escola especial inclusiva e o quão receptivos, atenciosos e cuidados foram resolvi escolher nomes, para as entrevistadas, de mulheres que impactaram minha vida, mulheres que fazem parte do meu cotidiano, me inspiram e constituíram a mulher que sou hoje. As entrevistas foram agendadas para durarem cerca de 20 minutos, contudo a conversa fluiu de uma forma tão produtiva que duraram cerca de 40 minutos.

A observação da escola também é fundamental para a realização do trabalho, atentar o olhar para a infraestrutura da instituição. Observar as atividades direcionadas para os alunos com autismo, prestar atenção no planejamento, na interação com os demais alunos auxilia muito na compreensão da prática pedagógica inclusiva.

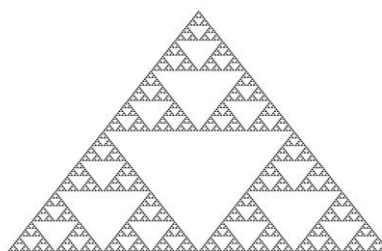
Se fez necessário para a realização do trabalho um estudo aprofundado das leis nacionais vigentes, desde a educação especial no Brasil, assim como o entendimento dos seus contextos históricos internacionais, como a realidade demonstrada por pesquisas dentro das escolas inclusivas. As principais leis que nortearam a pesquisa foram: a Lei Brasileira de Inclusão e a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva.

Além dos referenciais teóricos, de meus estudos bibliográficos, resolvi utilizar documentários, em especial as visualidades daquele audiovisual que demarca o forte movimento político da pessoa com deficiência. Documentário que, devido a relacionar-se ao momento político de estruturação da Constituição nacional de 1988, está amplamente divulgado nas disciplinas de Educação Especial, nas redes abertas de audiovisual, bem como nas redes sociais: “História do movimento político da pessoa com deficiência”, documento também organizado em formato de livro por Mário Cleber Martins Lanna Júnior (2010). A importância deste documentário consiste no fato de mostrar a resistência, por ser narrado pelas próprias pessoas com deficiência, entendendo a luta por uma educação para todos e todas, e para além disso, a conquista dos seus direitos como cidadãos.



2.1.PERGUNTAS NORTEADORAS DAS CONVERSAS COM AS PROFESSORAS

- *Qual a faixa etária e ciclo que você trabalha?*
- *Como é feita a integração dos alunos com transtorno do espectro autista dentro da escola?*
- *Quais práticas pedagógicas são utilizadas com os alunos com transtorno do espectro autista? Quais estudos foram necessários para a construção dessa prática?*
- *Quais estratégias/instrumentos são utilizadas para comunicação com os alunos com autismo?*
- *Quais dificuldades são enfrentadas pela instituição e professores, pensando em recursos pedagógicos, recursos humanos e recursos financeiros?*
- *Você sente que a graduação foi suficiente para subsidiar uma prática pedagógica qualificada para a educação de alunos com transtorno do espectro autista?*
- *Como é feita a comunicação escola e família?*
- *Como é feita a comunicação com outras escolas e com escolas que acolhem seus estudantes no regular?*
- *Como é feita a comunicação escola e rede de saúde?*



3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar teoricamente o trabalho de pesquisa realizado utilizei o autor Hugo Otto Beyer e um de seus livros, publicado em 2005, e que ainda é atual nas suas indicações para a avaliação e inclusão. Também fiz uso de trabalhos de conclusão de curso, dentre eles destaco o de Mirella Aguiar da Silva. São muitos os autores que dedicaram seus estudos à área da inclusão, trazendo ideias e práticas pedagógicas, contudo, busquei aqueles que inspirassem e subsidiassem a pensar o cotidiano de sala de aula nos tempos complexos atuais.

O trabalho de pesquisa de Beyer (2013) se tornou necessário na qualificação da linguagem assumida nesta pesquisa, pois seu modelo de organização escolar para uma prática pedagógica, auxiliou a compreensão e o entendimento da minha própria pesquisa. Ao deparar-me com as narrativas das professoras parecia-me muito distante a análise e reflexão sustentada por autores que negam, omitem, silenciam e até mesmo distorcem as possibilidades de uma educação inclusiva, que se dá, também, em escolas especiais desde que filiadas e dedicadas a essa perspectiva.

As leis, diretrizes e documentos oficiais referentes à área de Educação Especial foram componentes importantes para o entendimento do processo de formação de professores para atuação inclusiva dentro das mais diversas constituições de escolas e seus mais diferentes públicos.

Subsidiaram os meus estudos: a Lei Brasileira da Inclusão e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Ambos os documentos explicam que toda pessoa com deficiência deve possuir os mesmos direitos dos demais cidadãos, podendo participar de todas as esferas sociais, sem discriminação, sendo dever do Estado garantir acessibilidade às pessoas com deficiências em todos os âmbitos da sociedade, da escola, da saúde, da comunidade, da cidade.

Art. 1º: é instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania (LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO, 2015).

Através do estudo dos documentos citados, a “Didática Magna” de Comenius (1657), e o documento “História do movimento político da pessoa com deficiência” (Lanna, 2010), consegui compreender o movimento histórico para a aquisição de direitos, a importância da luta e a conquista pelo espaço de enunciação, narrativa e voz dentro da sociedade, dentro e fora dos movimentos sociais.

Esses referenciais me permitiram entender que a escuta das pessoas com deficiência foi necessária para a aquisição de direitos, mas, sobretudo, a organização política de pequenos grupos e de cada grande coletivo, foi fundamental para assegurar as Políticas e Diretrizes atuais da educação especial e educação inclusiva.

Beyer (2013) produziu um apanhado acerca da história da educação inclusiva, salientando a importância de sua existência, utilizando outros pesquisadores, o autor explica que uma educação para todos, em sua plenitude, é um movimento utópico. Problematicou, inclusive, até que ponto a acessibilidade não é interpretada erroneamente dentro das instituições escolares: como acessar, permanecer e aprender em espaços escolares que segregam e excluem em cada um de seus níveis e movimentos?

Beyer (2013) também traz perspectivas e alternativas de práticas pedagógicas diferenciadas nas escolas, propõe discussões pertinentes sobre o assunto embasadas em autores como Feuerstein e Vygotsky. O autor também comenta sobre os diversos atores dentro da escola, que devem participar da inclusão dos alunos, desde a gestão até cada um dos estudantes de que compõem o cotidiano de uma sala de aula.

É importante, uma ação planejada de conscientização da comunidade escolar e da sociedade em geral sobre os equívocos de determinadas representações sociais em relação às pessoas com deficiência. A partir daí, conscientizar sobre as novas concepções, do lugar que elas têm direito a ocupar em uma sociedade que deve procurar a superação gradual da exclusão (BEYER, 2013, p.9).

Através dos referenciais teóricos estudados e relacionados com as narrativas das professoras acerca de suas práticas, ficou perceptível em mim a importância que passei a dedicar à comunicação dentro das escolas, em toda sua amplitude. Para fluir os processos educativos, para uma harmonia nas intenções dos diferentes

interessados no sucesso escolar, é necessário que exista a comunicação entre professores, gestão, família e alunos, concomitantemente.

Nóvoa (2011) ofereceu-me alguns de seus argumentos, afirmando que a formação de professores pode acontecer dentro da escola, com todos que vivenciam o dia a dia da escola e da profissão. Essa ideia legitimou a minha decisão em realizar o trabalho dentro da área da comunicação, do diálogo, da observação e da escuta de narrativas de professores, permitindo com que eu aprendesse e qualificasse minha própria prática pedagógica e produzisse o testemunho nesta pesquisa.

A competência colectiva é mais do que o somatório das competências individuais. Estamos a falar da necessidade de um tecido profissional enriquecido, da necessidade de integrar na cultura docente um conjunto de modos colectivos de produção e de regulação do trabalho (NÓVOA, 2011, p.57).

Aguiar (2018) traz uma abordagem sobre as relações entre pais, alunos e escola, apontando que uma educação inclusiva também necessita de muito diálogo com a família, não podendo ser algo fragmentado, distante dos pais ou familiares ou isolado no que se refere a rotina da família e do aluno. A autora tratou das singularidades que cada aluno e cada família possui, e como a escola deve atentar para a construção com a família de um olhar singular para seu filho ou filha com ou sem deficiência.

Refletindo sobre os estudos e a pesquisa junto às professoras e a escola especial, percebo pelo menos dois pilares, que podem ser entendidos como duas bases ou duas arestas, para uma educação de qualidade: a comunicação entre membros da comunidade escolar e a compreensão e respeito frente às singularidades dos alunos com ou sem deficiência. Acrescento aqui, neste jogo de arestas, círculos, bases flexíveis e possíveis tripés, outro componente: a construção de uma corporeidade dos alunos com ou sem deficiência, sem negar um corpo, os múltiplos corpos que cada um pode experimentar em cada situação a que é submetido ou convocado, assim como de seus educadores, participantes e promotores de experiência e vivências corporais. Ficou claro ao conversar com as professoras desta escola especial a necessidade de resgatar a questão do corpo nas práticas pedagógicas, pois assim aprendemos mais sobre nossa individualidade, capacidades, limites, nossos sentimentos e sensações.

Na conquista de direitos, na conquista de espaço, nota-se que nossa comunicação vai além das palavras, nossos gestos, nosso corpo se expressa de uma forma mais ampla, contundente, emocionada, gesticuladora, expressiva e clara. No momento que possuímos esse entendimento, compreendemos as diversas formas de aprendizagens dos alunos, e as nossas próprias. Com intuito de argumentar e apresentar subsídios na área da corporeidade, busco as autoras Miller e Ferrari (2015).

Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. O ser humano é, ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional e existem condições que permitem interrogações fundamentais sobre o mundo, o ser humano e o próprio conhecimento (MILLER; FERRARI, 2015, p.337).

Para compreender o termo transtorno do espectro autista (TEA), assim como suas redefinições históricas, busquei subsídios no trabalho de conclusão de curso de Rosa (2016), a qual relata quão nocivo pode ser quando, por um hábito cultural, enxergamos apenas o diagnóstico, esquecendo que existe um sujeito complexo em suas singularidades.

Com base em Rosa (2016), nas conversas com as professoras, e na minha experiência em sala de aula, posso afirmar que não podemos excluir o diagnóstico, ele nos permite, entre outros argumentos para a prática pedagógica, assegurar, através de meios legais, que o aluno tenha acesso ao apoio que necessite na sua inclusão escolar, no cotidiano de aulas e na sala de aula (materiais, monitores, recursos alternativos). Todavia, sabe-se que rede de saúde e escola devem manter o diálogo para o melhor atendimento aos estudantes com deficiência, com transtorno do espectro autista.

Adichie (2019) começa seu livro “o perigo de uma história única explicando que é uma contada de histórias e ao longo de seu ensaio vai narrando experiências próprias que ilustram suas ideias. Sua filosofia e sua arte se tornaram um modelo de na sociedade, resolvi utilizar não somente sua essência como pesquisadora e escritora, mas também, suas ideias que revolucionaram e empoderaram as mulheres do mundo todo.

Sempre senti que é impossível se envolver direito com um lugar ou uma pessoa sem se envolver com todas as histórias daquele lugar ou daquela

pessoa. A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas (ADICHIE, 2019, p.27).

A essência do trabalho de pesquisa consiste na escuta, no diálogo, na valorização das narrativas do e com o outro, pensar na relação que a autora Adichie (2019) possui com histórias resolvi incorporá-la em meu trabalho, visto que sua metodologia de escrita me inspira. Assim como em seu ensaio ela traz suas histórias e de outros que compõem suas ideias, em meu trabalho trago minhas histórias e de outros que embasam e fundamentam os resultados da pesquisa. Pensando que as professoras são mulheres fortes e que lutam por seu espaço e pelo ensino de qualidade para seus alunos, trazer autoras mulheres fortalece este espaço e lugar de direito.

4. OS PRIMEIROS PASSOS DE UMA JORNADA INCLUSIVA

Os primeiros registros de elaboração de uma proposta ou noção de uma escola para todos datam de 1657, e estão no livro “Didática Magna” de Comenius. Se pensamos o termo “educação para todos” logo surge a questão: quem seria o “todos” a que Comenius se referia? É uma construção que gera reflexão e perguntas, pois sabemos que o “todos” que se pensava naquela época e o “todos” discutido hoje são diferentes, os processos educativos se modificaram, assim como seus atores.

Coloco em destaque que a educação para todos a qual me refiro está ligada ao acesso para todos, onde todos tenham o direito garantido de qualidade de ensino. Saliento que a forma como todos aprendem não é a mesma, somos sujeitos múltiplos e singulares, acredito que está foi a barreira quebrada a partir de Comenius, ele trazia a ideia de uma receita para a educação e hoje temos a concepção, ou deveríamos ter que cada sujeito aprende de uma forma, ou seja, mais que uma educação para todos, uma educação para qualquer um.

Desde aquela data até a construção de escolas para meninos e meninas com deficiência muitos estudos e práticas se consolidaram, tanto na saúde como na educação, e em diálogo entre ambas as áreas. Em alguns momentos da história da escolarização da pessoa com deficiência o saber médico se sobrepôs, e atualmente reivindica-se a articulação entre redes de saúde e redes de ensino, sendo mais relevante o diagnóstico pedagógico em muitos casos complexos.

As pessoas com deficiência passaram a participar das atividades escolares e alguns instrumentos legais asseguram esse direito irreversível. Por exemplo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, que nos seus artigos 3 e 4 afirma que é garantido pelo Estado uma educação e ensino qualificado, a partir do acesso e permanência dos alunos com alguma deficiência, preferencialmente nas redes regulares de ensino.

Beyer (2013) nos fornece um breve histórico e salienta a importância do surgimento das escolas especiais, a necessidade de sua existência e a importância

que ela possuiu para que os alunos com alguma deficiência realmente pudessem ocupar uma vaga, fazer parte e ser membro de um espaço escolar, de uma escola.

Somente com o surgimento das escolas especiais, as crianças com deficiência obtiveram a chance de poder frequentar, finalmente, uma escola. Este foi na verdade o grande mérito das escolas especiais, isto é, elas se constituíram nas primeiras escolas que atenderam alunos com deficiência. As escolas especiais, portanto, não eram, como alguns pensam, escolas “segregadoras”, pelo contrário, integraram pela primeira vez as crianças com deficiência no sistema escolar (BEYER, 2013, p.14).

Historicamente as pessoas com deficiência eram enxergadas, dentro de um contexto social, como sujeitos que necessitavam de caridade, que eram desvalidos e totalmente incapaz e deficitário. No século XIX até meados do século XX tem se a institucionalização da pessoa com deficiência, ou a convivência restrita em ambientes familiares. As consequências desse contexto de exclusão perduraram, os discursos segregadores, as atitudes preconceituosas, assim como diagnósticos limitadores dos sujeitos. Muitos diagnósticos eram genéricos, desqualificadores e não condizentes com o cotidiano das pessoas com deficiência, diagnósticos que não existiam, conseqüentemente geraram a busca incansável por causas que as explicassem, bem como a criação de medicamentos e intervenções médicas que as resolvessem.

O primeiro grande movimento que ocorreu, pensando na promoção de direitos das pessoas com deficiência, foi no Brasil Imperial, em 1854, na criação do Instituto Benjamin Constant, que foi criado a partir do conhecimento do Braille e o ensino do mesmo no Brasil. Essa nova forma de se comunicar permitiu que os cegos possuíssem o acesso à uma educação, a escola, a uma nova forma de linguagem e expressão. Aqui, penso ser pertinente, retomar os ideais de Beyer (2013) que afirma que esses espaços, como escolas especiais, são fundamentais para que a pessoa com deficiência obtivesse de fato acesso à aprendizagem em uma escola.

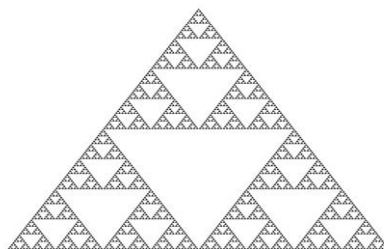
Esse quadro nos mostra e justifica os movimentos que se sucederam para a conquista de direitos e de cidadania das pessoas com deficiência. Durante o final do século XX, iniciou-se um forte movimento das pessoas com deficiência para que conseguissem adquirir seus direitos e mostrar para a sociedade que como sujeito de direito também podem e devem ocupar espaços dentro da sociedade.

Aqueles movimentos sociais organizados por pessoas com deficiência e outros apoiadores de suas pautas, ainda em meados dos anos 1900, movimentos em que pessoas foram para ruas, foram para Brasília, mostrando e afirmando que são sujeitos de direito, foram fundamentais para que hoje recebêssemos alunos com deficiência, e alunos com transtorno do espectro autista.

As pessoas com deficiência passaram a participar das atividades escolares e alguns instrumentos legais asseguram esse direito irreversível. Por exemplo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, que nos seus artigos 3 e 4 afirma que é garantido pelo Estado uma educação e ensino qualificado, a partir do acesso e permanência dos alunos com alguma deficiência, preferencialmente nas redes regulares de ensino.

Os movimentos das pessoas por direitos comuns, como educação e saúde, e suas narrativas e pautas qualificaram outros tantos serviços e políticas nacionais. Alguns princípios daqueles que vivem em meio a deficiência, existem com esta marca em uma sociedade excludente, se escutadas, podem modificar percepções, até mesmo construir uma ética que não encontre outro espaço para a deficiência que não seja dentro da escola democrática e inclusiva. Esses movimentos foram necessários para subsidiar a garantia do direito da pessoa com deficiência dentro da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), e dentro de outros documentos e parâmetros nacionais.

Para legitimar a luta, embora improvável, que excluiu e desumanizou as pessoas com deficiência, é nosso papel como cidadão e como educadores exigir que o governo de fato cumpra seu papel, e ofereça subsídios que garantam o acesso e permanência dos alunos nas escolas. Essa garantia não deve ser apenas manifestada com discursos em Libras, como por exemplo o da primeira dama ocorrido no dia primeiro de janeiro de 2019, mas, sim, com política pública que garanta uma escola democrática, baseada em princípios éticos, que seja de qualidade e para todos.



5. CONHECENDO A JORNADA DE UMA ESCOLA

A escola escolhida para a realização do trabalho, é uma escola especial inclusiva, localizada na zona sul de Porto Alegre. Essa escola especial recebe estudantes desde à educação infantil, ensino fundamental, educação para a profissionalização e educação de jovens e adultos. Muitos alunos iniciam seu processo de escolarização nesta escola e ao longo do período de observação e avaliação dos professores eles podem ser encaminhados às escolas comuns, espaços em que são acompanhados no processo de adaptação e aprendizagem por professores da escola especial. Alguns estudantes, por diversos fatores, voltam para a escola especial inclusiva, adaptando-se melhor e seguindo seu percurso singular de aprendizagem. Os estudantes fazem sua formatura aos 21 anos, sendo que aos 15 anos a escola oferece um suporte que os insere no mercado de trabalho.

Ao entrar na escola percebe-se a importância dela como espaço inclusivo. O cuidado em cada detalhe estético que ela possui, o cuidado em fazer com que o aluno e a comunidade se sintam pertencente e ocupe ativamente aquele espaço é admirável num sentido potente e provocativo: quais escolas se dedicam ao detalhe e ao cuidado?

Refletindo sobre a sensação proporcionada aos que entram na escola, sobre os projetos pedagógicos da escola, seu trabalho em rede, o cuidado com seus alunos são fatores que legitimaram minha escolha pela escola especial inclusiva. O trabalho de pesquisa desenvolvido na escola reafirmou o que previamente eu já constataria, que a escola especial inclusiva é um espaço a ser ocupado, um espaço de formação dos educadores.

Realizando as entrevistas, observando as parecerias que a escola exerce permitiram que eu ampliasse as ideias de Nóvoa (2011), concordo quando ele afirma que professores aprendem com seus pares, contudo a escola me permitiu ir além trabalhar com profissionais de outras áreas agrega e amplia o diálogo o que permite enxergar mais possibilidades para um sujeito. Quando trabalhado em pareceria com famílias e rede de saúde se enxerga a complexidade dos alunos e através de inúmeras interpretações se potencializa a construção do sujeito.

Na entrada percebemos que existe uma área na qual são expostos alguns artesanatos, que a partir das entrevistas, descobri que são produzidos pelo grupo de mães. Existe um jardim, um espaço com banco e sobreiro, com detalhes e artes. Também estão em praticamente todo o espaço escolar as marcas culturais, as marcas de produções acadêmicas dos professores da escola, exposições dos trabalhos dos estudantes, grafite, sinalizações para a comunicação. Desde o primeiro contato me senti muito bem recebida por toda comunidade escolar, não apenas no atendimento a minha demanda de pesquisa, mas na reciprocidade, na rica troca de ideias que se sucedera nas conversas com as professoras da escola.

Trocando ideias com a comunidade escolar, realizando as visitas, ouvindo as narrativas das professoras, as ideias de Nóvoa (2011) se tornaram um pouco mais próximas e pertinentes, uma vez que ele salienta a importância de a formação de professores acontecer no dia a dia da escola, numa imersão no espaço escolar, no diálogo com quem se exerce na licenciatura.

A corporeidade possui um espaço fundamental na metodologia da escola, as aulas de psicomotricidade são espaços de divertimento e aproveitamento dos alunos, mas, também, espaço de desenvolvimento humano, visto que a instituição tem como princípio a formação do sujeito singular que se relaciona consigo e com outros dentro de uma sociedade.

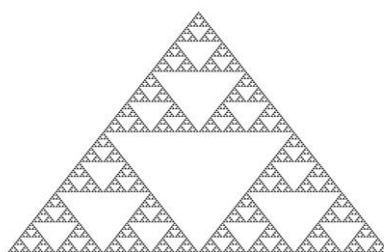
A Base Nacional Comum Curricular (2017) na área da Educação Infantil enfatiza, no campo de experiência, o eu, o outro e o nós, o entendimento do lugar da criança dentro da sociedade. É destacada a necessidades de experiências pedagógicas para conhecer e respeitar outras culturas e modos de pensar, é perceptível que na escola este modo de pensar se estende por todas as modalidades

de ensino. O recreio é um momento no qual se faz presente a expressão, a criação, diferentes formas de explicitação da corporeidade, onde os alunos trazem músicas e dançam a partir de seus gostos, intensidade, intencionalidades, escolhas e criações.

A afetividade foi um aspecto identificado durante as minhas visitas na escola e na escuta das narrativas das professoras. Questão plausível de reflexão, questão a sempre se visitar em práticas pedagógicas inclusivas, para se enxergar quanto o afeto é fundamental para o aprendizado dos alunos com ou sem deficiência e entre aqueles com quem interage e experimenta um cotidiano.

Esse tratamento afetivo para com os alunos é estabelecido por toda a comunidade escolar, desde a gestão, as orientadoras, a secretaria, os professores, os cozinheiros, os responsáveis pela limpeza, as famílias, os mantenedores da escola. Essa afetividade é tão familiar que quando chega alguém novo na escola, os alunos o recebem com a atenção e reciprocidade, o que transforma a instituição em um ambiente acolhedor e agradável de se estar.

Durante as entrevistas percebi, nas trocas de ideias, que as professoras enxergam o aluno como um sujeito potente e respeitam suas singularidades. Visto que existe a utilização de pedagogias, pedagogias que elas em conversa e com estudo produzem, o que permite perceber uma metodologia cheia de peculiaridade, uma construção didática em que cada aluno aprende.



6. Entrevistas

6.1. Maria

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (ADICHIE, 2019. p. 32).

Maria trabalha com a turma do terceiro ciclo, correspondendo às faixas etárias de 15 aos 21 anos. Na sua turma há doze alunos, sendo dez deles frequentes. Os alunos não possuem apenas o transtorno do espectro autista, alguns possuem, também, deficiência visual e deficiência intelectual. A professora Maria narra sobre as singularidades do sujeito e conta que alguns alunos além do autismo possuem baixa visão, então a professora realiza jogos sensoriais e atividades com o corpo.

Cada aluno possui suas particularidades, ou seja, a intervenção é realizada a partir do aluno e como ele realiza a sua rotina, todo aluno possui algo que o acalma, alguns deles folheiam os livros (fala da professora Maria, 2019).

Ao longo da conversa com a Professora Maria percebe-se que sua narrativa e sua proposta pedagógica se materializa em sua linguagem. Quando menciona as particularidades do sujeito ela exemplifica com atitudes dos seus alunos, exercícios que os deixam tranquilos, preferências por assuntos, apresentando-me cada um deles com ternura e afeto. Sua fala remeteu-me a primeira impressão que tive ao habitar a escola, na qual me senti acolhida pelo corpo docente e pelos alunos, em suas palavras encontrei a causa da afetividade e do respeito. Considero a afetividade e o respeito como fundantes na docência e numa prática pedagógica na perspectiva da educação inclusiva.

A Professora está sempre buscando informações, lendo artigos. Na escola existe um grupo de comunicação alternativa, as professoras responsáveis por esse projeto dentro da escola, e a Professora Maria, estão sempre trocando ideias para poder incorporar algumas atividades e com a comunicação alternativa em sua sala.

A principal dificuldade enfrentada pela instituição e corpo docente são os cortes nas verbas, a demora para preencher os cargos de professores, além da falta de recursos materiais. Segundo a narrativa da Professora Maria, antigamente haviam formações na escola, com o corte de verbas elas se tornaram mais restritas as possibilidades da escola e da gestão, ou mesmo inexistentes.

A professora Maria é formada em História, pós-graduada em educação inclusiva, está realizando o curso de Pedagogia e ainda sente falta de preparo, o que resulta na constante busca de conhecimentos que subsidiem a sua prática. Ela relata sobre a metodologia de comunicação da escola.

A comunicação da escola com as famílias acontece diariamente através da agenda, cada semestre é feito reuniões gerais e reuniões com cada família de cada aluno. Todavia os pais são poucos participativos, 2 ou 3 são participativos, o que resulta em dificuldades no pedagógico (fala da professora Maria,2019).

Através da conversa com a Professora Maria, sobre a metodologia de comunicação assumida pela escola, consegui visualizar a primeira grande questão do meu trabalho de pesquisa. A importância de as famílias ocuparem o espaço escolar, participar do cotidiano dos estudantes dentro da escola, vínculo estabelecido com a abertura para a comunicação. A escola proporciona esses espaços, a exemplo dos artesanatos do grupo de mães, o que torna convidativo e a família se aproxima com entusiasmo das atividades proposta no espaço escolar.

A partir das narrativas da Professora Maria soube que os alunos raramente vão para o ensino comum, pois ainda não existem condições nas propostas de muitas escolas regulares para que isto aconteça.

Maria esclarece que existe uma situação na escola bastante complexa e importante no processo de construção e adaptação dos alunos da escola especial na escola comum. O aluno que está frequentando o ensino regular, por escolha do aluno e da família, os professores e a gestão acompanham e faz a intermediação, a mediação.

6.2. Helena

Os livros vão ajudá-la a entender e questionar o mundo, vão ajudá-la a se expressar, vão ajudá-la em tudo que ela quiser ser (ADICHIE, 2017, p.34).

A Professora Helena formou-se em 1989 em Pedagogia habilitação em deficiência mental. Ela procura constantemente ler artigos, pois nunca se sente preparada o suficiente, contudo, sente falta de algo novo dentro da área. Trabalha com terceiro ciclo, correspondente as faixas etárias de 15 aos 21 anos.

A professora enfatiza que cada aluno possui seu olhar, um tipo específico de cuidado e manejo. Helena afirma “cada aluno possui seu manejo, pedagogia utilizada acaba sendo subjetiva, pois cada sujeito exige algo diferente”. Relata que com um dos alunos foi necessário exercitar a rotina, conseguindo o inserir no grande grupo aos poucos. Salaria que é fundamental a família acompanhar essa rotina, caso contrário os avanços podem acabar se perdendo no caminho. Tendo em vista vários exemplos, afirmou que a comunicação escola e família é fundante para o desenvolvimento do sujeito.

Nas palavras de Helena legitimei o que estudiosos afirmam na área da educação, que para a construção de um bom planejamento se deve contextualizar o conhecimento com o uso do espaço em que o sujeito está inserido. Conhecer o aluno não consiste apenas na elaboração de atividades, mas, também, no desenvolvimento de uma rotina para cada aluno. Assim, disse-me Helena, poderei expor argumentos que subsidiem a rotina, mantendo o bom relacionamento com os familiares para que juntos auxiliemos no exercício qualificado da rotina.

Ao pensar em um planejamento, uma atividade ou definições para cada aluno, a professora narra que não existe um autor específico para construção ou fundamentação de sua docência, mas, costuma buscar vários estudiosos com o intuito de se manter constantemente atualizada.

A professora relata como a experiência contribui para a qualificação do exercício do ser professor. Helena relata que além dos autores, os recursos também se tornaram variados, utilizando: o gestual, imagético, verbal. Helena conta as dificuldades enfrentadas na profissão.

Devido aos cortes muitas dificuldades foram enfrentadas por docentes e pela escola. Se esgota as oportunidades de oferecer outros espaços aos estudantes, os materiais acabam quebrando e sua reposição exige uma verba que demora a chegar, falta mobilidade e tempo para aqueles que desejam realizar cursos (fala da professora Helena, 2019).

Nessa afirmação trazida por Helena, eu como futura educadora, me identifiquei, pois como nossa profissão nos exige que estejamos em constante luta pela valorização, reconhecimento, legitimidade de um trabalho. Vários professores, com quem tive o prazer de trabalhar, sentem essa necessidade de sempre buscar mais qualidade e mais formação, muitas vezes sobrecarregando o exercício do fazer docente.

Refletindo sobre o que a Professora Helena conversou comigo é que me questiono se a busca constante por cursos continuados não seria uma forma de nós mesmos, professores, não enxergarmos o que fazemos em sala de aula como a própria formação continuada.

Seguindo nossa conversa, a professora me explica que a comunicação com as famílias acontece, hoje em dia com as novas tecnologias, através do WhatsApp. A escola também faz uso de bilhetes, a orientadora da escola é bastante ativa na promoção da comunicação, segundo Helena.

Relata a professora, que existe o grupo de WhatsApp com as famílias e o grupo de WhatsApp de mães, e que são realizadas reuniões todas as sextas-feiras, na qual as famílias podem trocar experiências entre si.

Helena relata que poucos alunos costumam ir para o ensino regular, todavia, para aqueles que saem da escola e passam a fazer parte do PTE, o Programa de Trabalho Educativo, e assim mantém o vínculo. São realizadas reuniões com os

familiares, um acompanhamento diferenciado dos alunos, há uma preocupação com aquele sujeito que vai para outra escola e também para o trabalho educativo.

6.3. Solange

*Somos de todas as cores
E as cores não tem fim
Para tocar nossos tambores
Coloridos são assim!
Somos de todas as cores
Cada cor é uma beleza
Para cantar, pular, dançar
Em homenagem a natureza!
(PALAVRA CANTADA, 2019).*

A Professora Solange possui 26 anos de experiência, trabalha de manhã com aulas complementares de música e dança, e à tarde com a educação infantil. Narra que é aberta às diferenças, busca formação continuamente. Sua formação foi um processo.

Destaco a afirmação de Solange ao dizer que: “escola consiste em aprendizado + (mais) conhecimento + (mais) saúde”.

Solange diz que sua prática pedagógica é fundamentada pelo psicodrama. Ela inclusive cita o autor Jacob Moreno, a antroposofia e a pedagogia Waldorf como suas referências. A professora relata a importância da corporeidade no seu fazer docente.

A corporeidade é essencial no desenvolvimento humano, compreender o corpo ajuda os alunos a se compreender e se relacionar com o outro (fala da professora Solange, 2019).

A conversa que tive com a Professora Solange permitiu que eu refletisse e pesquisasse sobre a comunicação, mas não uma comunicação embasada somente na oralidade, uma comunicação sensível, na qual as educadoras valorizem as diferenças de comunicação e na comunicação.

A educadora transmite muita arte, produz muita arte no seu fazer docente. Em sua fala percebo uma poesia. Solange me mostra que devemos nos apropriar de outros modos de ser educadora, de outros métodos de comunicação, do corpo, do silêncio, do olhar, para poder enxergar o sujeito de nossa sala de aula como ele é e construir possibilidades com ele.

A professora narra que além do conceito e da exploração da corporeidade, a musicalidade também se torna presente no seu cotidiano com seus alunos. Em suas aulas utiliza o instrumental das músicas dos Beatles e de Chico Buarque, por exemplo, e os alunos trazem as músicas de seus interesses, músicas essas que muitas vezes os fazem compreender a sua corporeidade.

A professora Solange relata que com a educação infantil trabalha com o objeto intermediário, que consiste em trazer um objeto, fazer com que a criança se conecte àquele objeto, e a partir do objeto se conecta com a criança.

Com o público adulto a professora utiliza-se das artes, da música, da dança, do corpo e, principalmente, do silêncio. Solange enfatiza que o silêncio é plausível, nos traz conhecimento, autoconhecimento. Salaria que o espaço ocupado pelos alunos são ferramentas de aprendizados, utilizando em inúmeras ocasiões a música ambiental.

A professora explica as dificuldades de recursos pedagógicos, muitas veem as condições dos materiais, têm conhecimento sobre novos materiais, e esses acabam vindo do próprio bolso das professoras ou através de doações.

O educador necessita ser criativo na hora de planejar e executar as atividades pois os materiais para os alunos da escola especial necessitam ser caros e duráveis e com a escassez de recursos esses materiais, quando danificados, demoram a ser repostos (fala da professora Solange, 2019).

A professora Solange afirma que a graduação não foi suficiente para uma prática pedagógica qualificada, explica que nos tornamos professoras a partir da experiência e com o tempo.

Ainda sobre a comunicação com as famílias, Solange me conta que se procede através da orientação, da escola fazendo a orientação das famílias em alguns casos, por vezes a orientação acontece através da professora regente. A orientadora pedagógica da escola também fica encarregada de acompanhar o estudante nas consultas médicas, pois em alguns casos os responsáveis podem mascarar a situação, não trazer as informações necessárias ou outras situações. A professora afirma que o governo terminou com a assistência da escola.

6.4. Cristina

A representatividade

É vital

Sem ela a borboleta

Rodeada por um grupo de mariposas

Incapaz de ver a si mesma

Vai continuar tentando ser mariposa

- *Representatividade*

(KAUR, 2018).

Formada em Pedagogia em 1997, a Professora Cristina, especializada em psicopedagogia e pós-graduada em educação especial, afirma que na época de sua graduação não se falava em inclusão escolar. Atualmente ela trabalha com o segundo ciclo, correspondente à faixa etária de 10 a 14 anos. Após nossa conversa a professora me convidou para conhecer a sua sala e mostrou a foto de seus alunos.

A professora afirma que o acolhimento e inclusão do aluno é feito através da participação dele em todas as atividades da escola. Cristina afirma “cada aluno possui

suas próprias características, logo existe a atividade para o aluno e para o grupo”. Conta que a alfabetização é realizada de uma forma lúdica utilizando-se da música, da corporeidade, da exploração de materiais.

Nesse excerto que destaco da narrativa da Professora Cristina, percebe-se as singularidades do sujeito sendo respeitada, olhada e valorizada. Através de suas narrativas ela demonstra a importância de realizar as atividades diferenciadas para cada aluno. Somos múltiplos e todos possuímos uma forma de aprender, e através de suas palavras percebo definitivamente que não existe turmas homogêneas, em qualquer sala de aula e em qualquer escola. Se o educador não possui a sensibilidade de enxergar essa heterogeneidade ele pode estar limitando o aprendizado dos seus alunos.

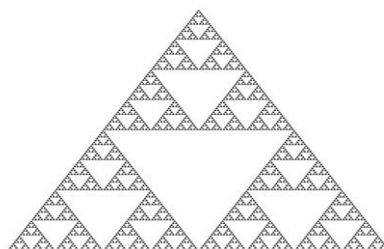
A professora explicou que o segundo ciclo ainda não é atendido pelo grupo de comunicação alternativa, todavia, está sendo estudada a possibilidade de que aconteça com sua turma. Cristina diz que a comunicação com os alunos é feita através de gestos, olhar, leitura corporal. Narra que as verbas para os materiais estão curtas, o que dificulta a acessibilidade e uso de recursos diversos que favoreceriam a comunicação e a aprendizagem.

A comunicação com os familiares é realizada de forma variável, com diálogo aberto. Em algumas ocasiões não se vê os responsáveis, não comparecem nas reuniões, dificultando o diálogo. A professora decidiu não utilizar o contato via WhatsApp, pois percebeu que a conversa não funciona. Prefere a comunicação convencional, através da agenda, com entrevistas, através de reuniões e com a entrega dos pareceres.

A orientadora pedagógica da escola se faz muito presente na comunicação com as famílias e responsáveis, segundo Cristina. Ela acompanha as consultas médicas, insiste no diálogo escola e médicos. Cristina conta que os professores realizam, no encerramento de cada semestre, um parecer para ser entregue às famílias e um parecer para a rede de saúde.

Neste momento da entrevista, através das palavras de Cristina, fiquei muito emocionada ao perceber essa relação inovadora entre escola e rede de saúde, estamos, sobretudo, falando dos princípios de um Sistema Único de Saúde.

Historicamente escola e rede de saúde sempre viveram em um embate entre conhecer o sujeito e entender que os aprendizados vão muito além de um diagnóstico, ao passo que um diagnóstico seja necessário. Através de Cristina, percebi que a escola propõe outra forma de pensar, juntando escola, família e rede de saúde para que juntos, com um relacionamento possível e inclusivo, possam melhor conversar sobre cada sujeito.



7. SINGULARIDADE DOS SUJEITOS

Juntos nós somos uma conversa sem fim (KAUR, 2018).

Os últimos movimentos da educação brasileira, com a construção de análises e ações na perspectiva da educação inclusiva, tratam dos alunos como sujeitos que são singulares, que cada sujeito possui seu tempo e sua forma de aprender. Somos múltiplos, somos indivíduos singulares, nossas práticas pedagógicas devem vir de pedagogias não excludentes e retrógradas, mas com o constante estudo, a busca por autores, o diálogo com o outro, que permitem que tenhamos o olhar amplo e enriquecido para com cada sujeito.

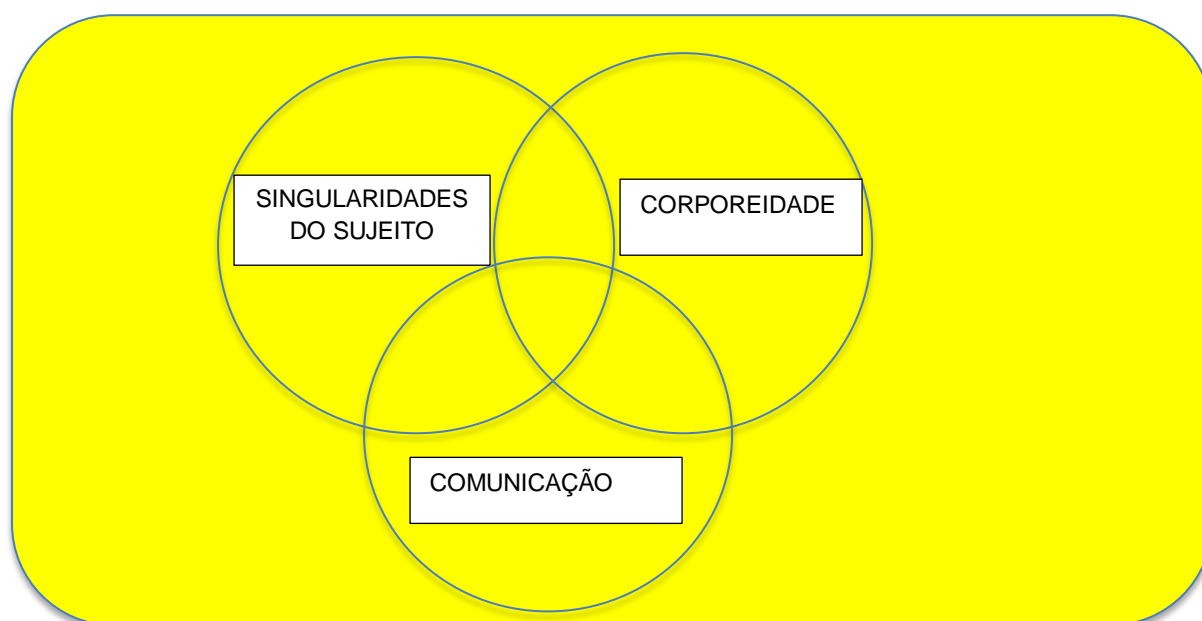
Quando penso na frase da poeta Rupi Kaur (2018), “juntos nós somos uma conversa sem fim”, reflito acerca da multiplicidade de formas de nos relacionarmos com o outro, o olhar, a imagem, o gesto, o silêncio. Isso também constatei nas narrativas das professoras com quem conversei, que me disseram que essas são ferramentas de um diálogo e que o professor necessita ter a sensibilidade de perceber.

Uma prática pedagógica inclusiva remete ao fato de se enxergar as diferenças, notoriamente, de se perceber o outro e conviver com ele. Penso ser necessário resgatar a Pedagogia da tolerância, do autor Paulo Freire (1995), que explica que a tolerância é a base de uma democracia educacional. O autor não trata da tolerância como benevolência, afirmando, sim, a tolerância como princípio de convivência.

Falo da tolerância como virtude da convivência humana. Falo, por isso mesmo, da qualidade básica a ser forjada por nós e aprendida pela assunção de sua significação ética – a qualidade do conviver com o diferente. Com o diferente, não com o inferior. (FREIRE, 1995, p.26).

Nas narrativas das professoras o princípio da convivência, a tolerância, torna-se palpável no momento em que se enxerga o sujeito antes do diagnóstico e a partir dele, e com isso se realiza uma rotina e se pensa em um planejamento potente. A rotina e o planejamento da escola especial que pesquisei é singular, é para aquele indivíduo, aquele sujeito único em suas especificidades e diferenças.

Através dos argumentos das professoras com quem dialoguei ficou perceptível que, para produzir um espaço que permita colocar o sujeito em foco necessita-se três pilares que se relacionam, três bases que se cruzam: enxergar as singularidades do sujeito, compreender e explorar a corporeidade desse sujeito e entender e participar da comunicação que ronda o dia a dia desse sujeito. Segue abaixo o esquema que pensei a partir dos estudos e ao conversar com as professoras. O realizei, a fim de ilustrar os suportes de três pés, os tripés da educação, produzi um pilar circular, que foram mencionados em diferentes momentos da pesquisa:



Esse tripé foi pensado de forma circular, pois suas zonas de contato devem estar em constante movimento, sendo fundamental que aconteçam juntos e não de forma fragmentada. Na pergunta “quais práticas pedagógicas são utilizadas com os alunos com transtorno do espectro autista?”, as professoras concederam relatos que enfatizavam a comunicação, utilizando imagens e o corpo, mas afirmaram que para entender esse corpo necessitamos enxergar o sujeito singular, e para enxergar esse sujeito é necessário haver uma comunicação entre sujeitos, entre escola e com a família.

Coloco em destaque que o elo que une os três pontos do tripé seja a afetividade, realizar uma prática pedagógica com afeto que pense no sujeito como ponto central de uma educação de qualidade. Quando construí e illustrei o tripé da educação, conclui que essa atitude, forma de pensar pedagogias é cabível para todos os sujeitos, seja ele de uma escola comum ou de uma escola especial inclusiva.

Quando a Professora Helena (2019) cita que “cada aluno possui seu manejo, a pedagogia acaba sendo subjetiva, pois cada sujeito exige algo diferente”, ela está ilustrando o que é tão difícil apreender, que somos múltiplos, entendendo a importância desse espaço em que é possível a avaliação e uma prática pedagógica da e com a subjetividade. Quando explica que além dos autores, os recursos também devem ser diversificados, percebo que o educador necessita de propriedade em várias áreas. Todavia, cabe salientar que sem uma política pública que invista nesses espaços, a formação e diversificação de recurso para a educação inclusiva acaba sendo limitada.

8. Entendendo a corporeidade do Sujeito

Historicamente somos levados a crer que a escrita é um componente fundante na vida humana. É perceptível que a existência de uma história, propriamente dita, se procedeu a partir do surgimento da escrita. Refletindo criticamente, devemos ter em mente que fatos que antecederam a linguagem escrita foram essenciais para a nossa existência e que se fazem presentes até os dias de hoje: a domesticação do fogo, a arte rupestre e as primeiras sistematizações da sociedade.

Nosso modo de comunicar, as manifestações de nossas ideias, se constituem e se materializam para além das palavras e de uma palavra escrita. Somos corpo, somos linguagem corporal, temos as possibilidades de expressão com as artes plásticas, com a sonoridade, com a linguagem audiovisual, com a expressão gráfica, que enriquecem a troca com o outro, o convívio em sociedade. Quando pensamos em uma perspectiva inclusiva temos a visualização de vários modos de comunicação, possuímos o sistema de Braille (consiste em uma combinação de pontos, que representam letras, para quem é cego ou com baixa visão, sistema que utiliza o tato, uma linguagem sensorial), possuímos a Libras (Língua brasileira de sinais), todas criadas através das singularidades de seus usuários, explorando o corpo.

Quando nós, professoras, estamos recebendo um aluno em sala de aula pela primeira vez, devemos possuir o entendimento de que a experiência é sempre novidade e pode ser sempre nova. Um sistema de apresentação, adaptação ou defesa do sujeito poderá ser se retrair, o que pode levar à diminuição da interação, a poucas manifestações através da fala ou de outras linguagens. Ainda assim, o corpo continuará a comunicação que precisamos, a criança ou os jovens seguirá se comunicando, claro, se soubermos interpretar os sinais desse corpo expressivo e comunicativo. As professoras com quem conversei afirmar de diferentes formas que, sim, poderemos nos comunicar com nosso aluno com ou sem deficiência, nosso aluno com ou sem transtorno do espectro autista (TEA).

A Professora Solange (entrevistada 3) apresentou-me o psicodrama de Jacob Moreno, que se baseia na corporeidade do sujeito. Ela também trouxe para meu conhecimento o método do objeto intermediário, com o qual o aluno se conecta com um objeto ou vários objetos, e através desses objetos o educador poderá criar, poderá

estabelecer diálogos, assim estará se comunicando com o aluno. Pensando nessa perspectiva proponho algumas questões: se pensarmos em apenas uma forma de comunicação não estaremos limitando nossa prática pedagógica com os alunos? A comunicação alternativa não seria a comunicação do contágio, da convivência, do respeito aos modos de ser, se comunicar e se relacionar de cada aluno com deficiência? Quando estamos dialogando e buscando interagir com um aluno que está em silêncio, que persiste no silêncio, estamos nos comunicando? A comunicação se implica na expressão corporal, a corporeidade produz uma comunicação, e por isso tomo neste trabalho de pesquisa a interrelação entre ambas.

A partir das perguntas: “quais práticas pedagógicas são utilizadas para os alunos com transtorno do espectro autista?; “Quais estudos foram necessários para essa prática?”; e “quais estratégias/instrumentos são utilizados para a comunicação com os alunos com transtorno do espectro autista?”, as professoras enfatizaram a importância da corporeidade na construção de conhecimento, entendendo que não possuímos uma forma de aprender, mas, sim, pluralidade de formas, tempos, ritmos, interesses, silêncios e desejos de aprender. Nossa corporeidade não é apenas uma ferramenta de expressão e aprendizado, ela também contempla a forma como expressamos nossos sentimentos, aqueles que as palavras não conseguem demonstrar.

9. Tripés da comunicação: escola, família e rede de saúde

A comunicação escola e família é fundamental para o desenvolvimento da criança e dos jovens com transtorno do espectro autista (TEA). Segundo Macedo (1994) familiares são os responsáveis pelos fatores identitários do sujeito, aqueles que nos constituem, nos mostram e colocam em relação com a nossa cultura, são os primeiros sujeitos de interação, as perspectivas e possibilidades de um sujeito se constitui através da família. O que não é diferente no caso das pessoas com deficiência, pois é necessário o afeto, o cuidado e o incentivo, assim como os desafios frente aos filhos, desde que considerando suas singularidades e diferenças.

Quando a família coloca a criança em uma instituição escolar ela está confiando no trabalho pedagógico da escola, está confiando que a criança vai adquirir conhecimento, vai se formar humanamente e socialmente. Pensando neste quadrante, é plausível determinar que a cultura que o sujeito traz consigo vem da família e de seu contexto, necessitando ser contemplada no trabalho pedagógico dos professores, tornando-se fundamental que a instituição conheça a família. Em alguma medida a escola precisa buscar subsídios e uma comunicação que torne convidativo o espaço escolar, para os familiares pertencerem e fazerem parte daquele ambiente em que dia a dia levam e buscam seus filhos.

A partir das conversas estabelecidas com as professoras e com as narrativas de cada uma delas, conclui que é de suma importância que a rotina combinada e planejada na escola seja estendida, explicada, ampliada e efetuada também pelos familiares. A rotina, no caso de alguns alunos com transtorno do espectro autista (TEA), acredito que possa colaborar para a permanência e aprendizagem. Entre os princípios da Pedagogia está o planejamento realizado em uma construção coletiva. No caso dos alunos com deficiência também é importante que essa construção seja singular, transparente, rotineira e entendida por todos.

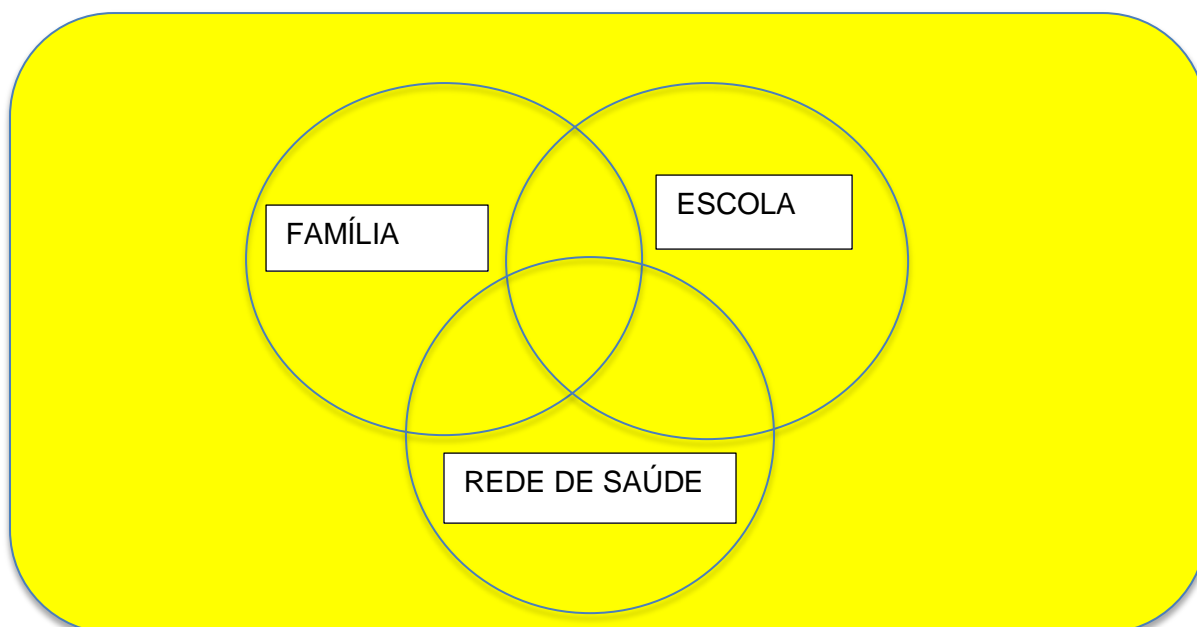
Através da pergunta, “como é feita a comunicação casa e escola?”, a maioria das professoras concedeu um relato referente a uma organização, frisando que o trabalho pedagógico procede através de pequenos hábitos rotineiros individuais, que gradativamente conquistam espaço no grande grupo.

Partindo deste princípio podemos perceber a necessidade do diálogo entre escola e família para o sucesso do trabalho pedagógico e dos hábitos rotineiros dos alunos serem mantidos de alguma forma no cotidiano da família. As famílias, mesmo com suas dificuldades e certas resistências, concordam e passam trabalhar essa rotina em casa. A comunicação escola e famílias é parte do processo de aprendizagem, parte do desenvolvimento do sujeito. Embora se enfrente barreiras de compreensão em ambos os lados, o bom relacionamento entre escola e famílias é benéfico para os alunos, escolar e humanamente.

A comunicação é um tripé fundante em todos os âmbitos de relacionamento dentro de uma instituição e no cotidiano de cada sujeito. Para o sucesso escolar acontecer de fato necessita existir um diálogo entre professor e aluno, direção e professores, pais e escola, neste trabalho tornou-se claro a também a importância da comunicação entre rede de saúde e escola. O acompanhamento por parte das professoras da saúde do aluno mostra-se como um diferencial no desenvolvimento social do sujeito. A escola tem interesse na construção diagnóstica daquele sujeito em questão. O reconhecimento da escola e das professoras nas suas avaliações e mediação da aprendizagem das pessoas com deficiência é uma conquista recente, fruto do diálogo entre redes de ensino público e sistema único de saúde.

Durante as entrevistas percebi essa forma de trabalhar, especialmente através da pergunta, “como é realizada a comunicação escola e rede de saúde?”. As professoras relataram também que a escola acompanha os alunos nas consultas médicas com o intuito de possuir um olhar mais amplo sobre cada aluno, para compreender e pensar o atendimento do sujeito. A professora Cristina explicou que além do parecer realizado para as famílias no final de cada semestre, é realizado um parecer para o médico.

Refletindo sobre os eixos de uma comunicação dessa escola especial inclusiva, enxerguei três pontos que se cruzam, e que nomeio como “tripé da comunicação”. Englobam a comunicação entre instituições (escolar e não escolar), o diálogo complexo entre a escola e a família, com a rede de saúde. Segue abaixo a imagem que ilustra os eixos principais da comunicação:



Pensei, ao longo da pesquisa, na conexão das narrativas das professoras, me dediquei a entender como um esquema circular, pois cada eixo necessita do outro, para existir uma harmonia. Na prática pedagógica narrada pelas professoras com quem conversei, visualizei harmonia, mesmo que o difícil e complexo o dia a dia dessa escola. Uma certa harmonia produz desenvolvimento humano e social, os alunos com deficiência se beneficiam disso.

Coloco em destaque que o elo que une, o que aqui eu chamo de tripé da comunicação, é o sujeito, a comunicação e as possibilidades devem existir para esse sujeito em formação. O trabalho em rede entre família, escola e saúde são múltiplas interpretações para qualificar a educação inclusiva no desenvolvimento do sujeito.

A escola é o espaço que o indivíduo está inserido cotidianamente, e para a instituição respeitar esse aluno é preciso compreendê-lo em todo seu âmbito, necessitando existir diálogo com a família, assim como para a rede de saúde melhor atender o sujeito precisa compreender a perspectiva dos espaços que o sujeito está inserido -- e viceversa. Essa comunicação precisa acontecer de forma respeitosa, ética, contínua e aberta entre todos os envolvidos.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do trabalho de pesquisa, das visitas na escola, das entrevistas com as professoras da escola, do convívio com os estudantes, entendo melhor sobre sermos sujeitos múltiplos. Múltiplos quanto aos nossos corpos, múltiplos diante de nossas ideias, conceitos, linguagem, pensamentos, formas de expressão. Para uma educação inclusiva e de qualidade acontecer é necessário respeitar os sujeitos em suas singularidades e diferenças, aspectos que nós, educadoras dedicadas à educação há muitos anos reivindicamos. Aspecto que embasa a historicidade das escolas especiais.

Realizando as entrevistas, conhecendo a escola, trocando experiências com as professoras e com a comunidade escolar, três aspectos tornaram-se fundamentais para o desenvolvimento do trabalho: enxergar as singularidades do sujeito, a corporeidade desse sujeito e a comunicação que ronda o sujeito (escola, familiares e rede de saúde). Esse aluno e sua corporeidade, que está em constante diálogo e expressão, é a base para o desenvolvimento de uma prática pedagógica qualificada, e as falas das professoras mostraram isso. Quando Solange explicou que o silêncio também é uma forma de se comunicar e aprender, entendo que sim, há uma relação inseparável entre o sujeito, a corporeidade e a comunicação.

Eu, como educadora atuante na educação infantil, consigo enxergar como a rotina é importante para os alunos da escola regular, assim como as professoras da escola especial mencionaram. A partir da rotina, o aluno vai desenvolvendo hábitos que o farão entender a importância da partilha, do convívio com o outro, ao passo que vai adquirindo um autoconhecimento e autonomia.

Realizando o trabalho de conclusão de curso essa ideia se tornou mais evidente, pois o trabalho das educadoras se baseia na rotina, mas aqui não defendo uma rotina a se seguir, um modelo de rotina, uma rotina padronizada que tem o intuito de padronizar os corpos e comportamento; falo de uma rotina singular, pensada com cuidado e estudo, que seja dedicada para o grupo e para cada sujeito, uma rotina que

fará grupo e o aluno com deficiência entender as suas emoções, os seus papéis no grupo, os seus desejos e as suas ideias.

Com este trabalho aprendi que a pluralidade das formas de expressão dos sujeitos se manifestam nas nossas relações, no convívio com o outro, na troca e afeto, no olhar com o próximo. Uma proposta pedagógica contempla no planejamento e na didática dos professores essa nossa forma de ser.

Ressalto o encantamento que tive com a proposta de trabalho, com os membros da escola, pois eles tornaram minha escolha de profissão legítima. Afirmando também que através do trabalho de pesquisa que realizei junto a essas professoras e a essa escola especial concluí o curso de Pedagogia de forma satisfatória.

Pensando no processo das entrevistas, na troca de ideias com as professoras, proponho que para uma educação inclusiva de qualidade que enxerguemos as singularidades do sujeito com ou sem deficiência, as singularidades desse nosso aluno. A forma que o sujeito se comunica e a comunicação com a comunidade escolar são aspectos relevantes. Dentro da escola especial inclusiva que tive a oportunidade de realizar o trabalho, bases e princípios se manifestavam, o que illustrei com círculos e também chamei de tripé. Na escola inclusiva reconhecer o sujeito antes do diagnóstico, desafiá-lo na construção de sua autonomia, sempre aprendendo com o aluno. Tais aspectos não somente contribuíram para conclusões, aqui mencionadas, mas modificou a própria forma com que eu encarei a minha formação e a educação brasileira.

Ao iniciar o trabalho de conclusão de curso possuía muitas indagações sobre o trabalho pedagógico, e sobre a instituição como um todo, bem como acerca de uma escola inclusiva. Contudo, conforme o desenvolvimento da pesquisa, novos questionamentos foram surgindo, perguntas provocadas pela própria pesquisa, e que demandam um estudo mais amplo e com um período maior de tempo, para serem pesquisadas novamente e em outras variações, e talvez nunca sanadas.

Dentro de uma perspectiva inclusiva, saliento que nós educadoras e sujeitos pertencentes a uma sociedade, devemos estar em constante questionamento de nossa linguagem, de nossos pensamentos e representações. Talvez assim nenhuma forma de comunicação segregadora e retrógrada limite nossa prática pedagógica

junto aos nossos alunos. Aqui, faz-se necessárias as palavras da autora Chimamanda Ngozi Adichie (2017, p.35): “ensine a questionar a linguagem. A linguagem é o repositório de nossos preconceitos, de nossas crenças, de nossos pressupostos”.

Para melhor organizar, melhor visualizar as conclusões que foram observadas ao longo do trabalho, realizei dois esquemas inspirados nos círculos de Renzulli (1979) em sua teoria sobre as altas habilidades e a superdotação. Quando illustrei os pilares da construção de uma prática pedagógica (singularidades do sujeito, corporeidade e comunicação) pensei em anéis que se cruzam, se complementam, para o conjunto existir, para um todo existir, para uma interação e inclusão acontecer de forma qualificada, as partes devem necessariamente se encontrar e mutuamente se desafiar. Desenvolvendo os tripés da comunicação, esses anéis se fizeram necessários, um desenho se fez presente em minhas revisitas aos relatos e narrativas das professoras, pois pensar em um diálogo entre familiares, escola e rede de saúde só agrega no desenvolvimento do sujeito que está em uma caminhada de descoberta.

Pensando, ainda, nos pilares da construção de uma prática pedagógica e no tripé da comunicação, focando na centralidade do sujeito penso que o elo seria a afetividade. Na escola especial inclusiva o trabalho é realizado em redes, o que permite adquirir várias interpretações e potencializar as singularidades dos sujeitos, essas redes estabelecidas nas escolas estão vinculadas com relações de amizade, afeto que perpassam em toda comunidade escolar.

Perante as narrativas das professoras encontrei na escola especial inclusiva um lugar de formação de professoras, lugar esse que trabalha em redes, com vínculos, com escutas e possibilidades. Espaço que trabalha com sujeitos múltiplos e interpretações, que pensa no sujeito como centralidade em suas práticas pedagógicas.

Na diversidade do trabalho docente podemos perceber a importância da busca por diversificação de formas de planejamento, de investimento na aprendizagem, desde referências do cinema, de filmes, de livros, de artes. Essa opção pedagógica responde a multiplicidade de aprendizagens, e se manifesta em nossa metodologia de trabalho como Pedagogas.

Finalizo este trabalho afirmando que o trabalho docente persiste através de muita luta, mas tenhamos esperança, pois mesmo com uma sociedade que historicamente segrega, ainda existe a possibilidade de uma educação humana, uma educação que honre nossas diferenças, uma educação que de fato, como Comenius (1657) propôs, seja para todos.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e Avaliação na Escola: os alunos com necessidades educacionais especiais**. Porto Alegre: Mediação, 2013.

COMENIUS, J.A. **Didática Magna**. São Paulo: Calouste, 1952.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Tolerância**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2016, 5ª edição.

KAUR, Rupí. **O que o sol faz com as flores**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

LANNA, Mário Cleber Martins. **História do movimento político das pessoas com deficiência no Brasil**. Brasília: Secretária de Direitos Humanos. Secretária Nacional, de Promoção dos direitos da pessoa com deficiência, 2010.

MACEDO, R.M. **A Família Diante das Dificuldades Escolares dos Filhos**. In: OLIVEIRA, V. E BOSSA, N. **Avaliação Psicopedagógica da Criança de Zero a Seis Anos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MEC/SECADI. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**.

MILLER, Sandra Maria Correa; Ferrari, Maira Miller. **Estratégia de Inclusão: resgate da corporeidade no interior das escolas**. Brasil: 2015.

NÓVOA, Antônio. **O regresso dos professores**. Brasil, 2011.

Presidência da República. **Lei Brasileira de Inclusão**. Brasil, 2015.

ROSA, Tamara Santos. **Autismo: múltiplas narrativas acerca da inclusão nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Porto Alegre, RS, 2016.

SILVA, Mirella Aguiar. **Expectativas mútuas entre pais e professores com relação à inclusão.** Porto Alegre, RS, 2018.

12. ANEXOS

12.1. TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, declaro, por meio deste termo, que concordei que a estudante Gabriela Vier Espindola realize o trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, *NARRATIVAS DE PROFESSORES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA*. Fui informado (a), ainda, de que o trabalho é coordenado/orientada por Daniele Noal, a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário.

Tenho ciência de que a minha participação não envolve nenhuma forma de incentivo financeiro, sendo a única finalidade desta participação a contribuição para o sucesso e a finalização do trabalho de conclusão de curso de Pedagogia. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais, são: entender como é realizada a formação de professores; entender como os educadores se preparam para receber os alunos com transtorno do espectro autista numa escola com perspectiva inclusiva.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações oferecidas serão apenas em situações acadêmicas (trabalho de conclusão, artigos científicos, palestras, seminários etc.), identificadas apenas por nome fictício e pela idade.

A colaboração se fará por meio de entrevista/questionário escrito etc. No caso de fotos ou filmagens, obtidas durante a participação, autorizo que sejam utilizadas em atividades acadêmicas, tais como artigos científicos, palestras, seminários etc, sem identificação. Esses dados ficarão armazenados por pelo menos 5 anos após o término da investigação.

Cabe ressaltar que a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. No entanto, poderá ocasionar algum constrangimento dos entrevistados ao precisarem responder a algumas perguntas sobre o desenvolvimento de seu trabalho na escola. A fim de amenizar este desconforto será mantido o anonimato das entrevistas. Além disso, asseguramos que poderá deixar de participar da investigação a qualquer momento, caso não se sinta confortável com alguma situação

Como benefícios, esperamos com este estudo, produzir informações importantes sobre práticas pedagógicas inclusivas, a fim de que o conhecimento construído possa trazer contribuições relevantes para a área educacional. A colaboração iniciará apenas a partir da entrega desse documento por mim assinado.

Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida, ou me sinta prejudicado (a), poderei contatar o (a) pesquisador (a) responsável no telefone e e-mail. Qualquer dúvida quanto a procedimentos éticos também pode ser sanada com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), situado na Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317, Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro, Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060 e que tem como fone 55 51 3308 3738 e e-mail etica@propesq.ufrgs.br

Fui ainda informado que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Porto Alegre, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável:

Assinatura do(a) pesquisador(a):

Assinatura do Orientador da pesquisa: